

Vale tudo para evitar a cassação

Denise Rothenburg
Da equipe do **Correio**
Com Agência Estado

Ajude-me a ajudar o senhor". Com essa frase, o ministro da Previdência, deputado Roberto Brant (PFL-MG), ligado ao senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), abriu a conversa que deflagrou o movimento de retirada do apoio dos carlistas à CPI da Corrupção. Os dois se encontraram na manhã de quinta-feira. O líder baiano apenas assentiu. Não saiu pedindo que retirassem assinaturas, mas abriu caminho para que seus mais fiéis aliados, como o deputado José Carlos Aleluia (PFL-BA), fizessem esse trabalho.

Antonio Carlos não fez isso à toa. Ele sabe que sua situação no Conselho de Ética não é das melhores. Admitiu que leu a lis-

ta com os votos secretos no dia da cassação de Luiz Estevão (PMDB-DF) e que não puniu os fraudadores do painel com medo que a votação fosse anulada, expondo o Senado a um vexame. Segundo a maioria dos 15 votantes no Conselho, isso seria suficiente para cassá-lo. Afinal, comentam os políticos, na época ele presidia a Casa, com o dever de zelar pela Constituição, que determina o voto secreto.

Até os advogados de Antonio Carlos comentam que o placar no Conselho pode ser de dez votos pela cassação e cinco contra. Por isso, os carlistas estenderam a mão ao governo, com esperança em receber o mesmo tratamento no futuro. Embora não exista um acordo formal, o PFL aposta que o apoio dos baianos ao presidente pode ajudar o senador. Na conversa com Anto-

Claudionor Junior/Correio da Bahia



ACM (E) DISCURSA EM CAPIM GROSSO: "JÁ BRIGUEI COM MUITA GENTE NO SENADO E VOU CONTINUAR BRIGANDO"

nio Carlos, Brant argumentou que a ajuda poderia sensibilizar senadores governistas, em especial os do PSDB, a poupá-lo de uma punição rigorosa.

Além de ajudar o governo, os pefelistas conversaram com o senador Romeu Tuma (PFL-SP), corregedor, com direito a voto no Conselho. Lembraram a Tuma que ele é do PFL e, como o julgamento é político, deveria analisar o caso sob o prisma partidário. Tuma não disse nem sim, nem não.

Difícil para Antonio Carlos é

conseguir o apoio do PMDB. Por isso, ele declarou cessar-fogo contra o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA). Hoje, Antonio Carlos só não poupa o deputado Geddel Vieira Lima (PMDB-BA). Na Bahia, o horário político do PTB, ligado ao senador, falou do aumento do patrimônio de Geddel, exibindo parte do vídeo, "Geddel vai às compras", insinuando que deputados baianos trocaram o PFL pelo PMDB em troca de vantagens financeiras.

Geddel deu o troco: disse que

os carlistas retiraram as assinaturas do pedido de CPI para ajudar Antonio Carlos: "Cadê o paladino da moralidade? Quando percebeu que a CPI iria cair, sem a ajuda do seu grupo, resolveu retirar as assinaturas para facilitar sua vida".

EM CAMPANHA

Enquanto seus aliados trabalham em Brasília, o senador percorre municípios baianos. Ontem, em Capim Grosso, 278 quilômetros a noroeste de Salvador, a festa de 16

anos de emancipação da cidade foi programada para homenageá-lo. Ali, ele negou uma reproximação com o presidente Fernando Henrique Cardoso: "Não existe aproximação, nem desaproximação, a relação continua da mesma forma", e livrou o PFL de qualquer culpa pelo fim da CPI: "Politizaram demais a CPI. A culpa foi do PT."

Ao discursar para cinco mil pessoas, o senador deixou escapar que a renúncia é uma saída: "Nós já botamos o Lalau (o ex-juiz Nicolau dos Santos Neto) na cadeia, mas querem soltar: era só o que faltava, soltar Lalau e tirar ACM do Senado. Isso não vai acontecer e, se por acaso acontecesse, eu voltava para aqui e a Bahia me daria o Senado ou cargos melhores". Ao final, indagado sobre renúncia, reagiu: "Quem tem um povo como esse ao seu lado não renuncia".

Antonio Carlos mostrou que, pelo menos na Bahia, continua em guerra com o governo: "Não queriam o salário mínimo de R\$ 180; a Ford veio para a Bahia, o presidente (Fernando Henrique) não queria, mas nós quisemos e a Ford saiu". Ele se referiu à ameaça de cassação como "um golpe político" e manteve o tradicional tom: "Já briguei com muita gente no Senado e vou continuar brigando. Todos sabem quem são os ladrões do Brasil, porque já mostrei a todos e provo se for necessário". O povo delirou. Recebeu seu líder com o bordão: "Hei, Hei, hei, ACM é nosso rei".